



Associações empresariais estão pessimistas

Debate da OTOC e TSF Três presidentes de associações empresariais estão descontentes com a prestação do Governo e pessimistas quanto ao futuro



A conferência abordou a "Iniciativa privada"

João Peixinho

Pelo menos até 2020, as empresas de pesca não poderão renovar as frotas por determinação europeia, em substituição de outras embarcações, por isso "o sector não pode estar optimista", disse ontem o presidente da Associação dos Armadores das Pescas Industriais (ADAPI), Pedro Jorge Silva, no debate realizado em Aveiro, durante a conferência sobre "Iniciativa privada, a economia, as empresas e o sistema fiscal", organizada pela Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas (OTOC) e a TSF.

O presidente da ADAPI diz que não tem "nada contra o desígnio do mar, mas como vamos regressar ao mar sem navios?", questiona, concluindo que esta "é uma década perdida". Embora diga que "há muito dinheiro" do novo quadro comunitário de apoios financeiros da União Europeia, pergunta: "quem vai gastar? tenho muitas dúvidas".

2015, um ano perdido?

Também falta optimismo ao presidente da Associação Industrial do Distrito de Aveiro (AIDA), Fernando Paiva Castro: "receio que 2015 seja um ano perdido e parte de 2016 não aproveitado, apesar dos fundos". O líder da AIDA disse que "falta muito até estarmos bem" ressaltando os sinais positivos

do Banco Central Europeu, que provocou a baixa das taxas de juro.

Jorge Silva, presidente da Associação Comercial do distrito de Aveiro (ACA) criticou os governantes que "fazem carreira na política" em Portugal, um país "sem dirigentes à altura", a precisar de investimento estrangeiro, "não para comprar casas, mas para instalar empresas", defendeu.

Na sessão de encerramento da conferência, Carlos Pascoal Neto, vice-reitor da Universidade de Aveiro, alertou para o "desinvestimento público que pode representar um retrocesso de décadas", assim como considerou "urgente" a definição de uma posição do Estado relativamente à clusterização.

Também apontou para o desígnio da competitividade empresarial, empreendedorismo e para a importância dos estágios de doutorandos em ambiente real de trabalho.

Contudo, o vice-reitor chamou à atenção para a necessidade de uma mudança, uma vez que apenas três por cento dos doutorandos se encontram integrados em empresas. Daí lançar o desafio para o incentivo aos privados para a "contratação de doutorandos".

Quando "a treta não condiz com a careta"

O estágio de doutorandos em ambiente empresarial é uma

"inovação" como qualificou Domingos Azevedo bastonário da OTOC. Mas ressaltou que os títulos não devem servir para os "exibir", lamentando quando se verifica que "a treta não condiz com a careta".

Também é um crítico de um sistema que coloca as empresas "dependentes da burocracia" e daí alertar para o "nascimento do conceitozinho de quinta, um conceito de poder que remete para terceiros a repetição da informação, perigosamente começam a surgir diversos movimentos de circulação de informação no Estado", disse.

O bastonário queixou-se da necessidade de as empresas repetirem a mesma informação ao final do ano, que já foi prestada mensalmente. "Diz-se faça-se e não se questiona quanto custa, mas gastam-se fortunas e quem ganha com isso?", funcionando, acrescenta, "o quero, governo e vocês cumpram". Para Domingos Azevedo, isto é uma "espécie de chantagem com as empresas, ou damos a informação ou somos multados".

Redução do IRC, mas pouco

No debate, a redução do IRC foi desvalorizada. Foi uma "reforma tímida e é preocupante quando se ouve que vai ser rasgada" para o presidente da AIDA que defende mudanças "mais audazes, na fiscalidade e incentivadoras do investimento".

A resposta do presidente da organização de armadores ao IRC foi de denúncia de "práticas abusivas", referindo-se à dificuldade em estar no mercado em deflação, com a baixa de preços à custa dos produtores". Para o dirigente da ACA, o IRC é um assunto que "passa ao lado do comércio por se tratar de um sector de pequenas empresas". Se o comércio "vive do consumo que não há", a solução é, para Jorge Silva, "cativar dinheiro lá fora". ◀



Associação protesta contra aumentos da Feira de Março

Diversão | P3